

Assunto: Bairro (Nordeste de Amaralina)

A difícil rotina do Nordeste de Amaralina

Jeane Borges e Leda Albernaz

À primeira vista, o Nordeste de Amaralina ganha feição de presépio. Uma investigação minuciosa revela, na verdade, um presépio de problemas. Morros e baixadas se justapõem para formar ruas, becos, ladeiras e vielas sem nenhum ordenamento urbano. É nesse espaço desordenado que surge um conglomerado de moradias ocupadas por cerca de 320 mil pessoas cercadas por carências de infraestrutura por todos os lados. Viver no Nordeste de Amaralina é, sobretudo, ter que enfrentar uma dura batalha diária pela sobrevivência, depõe a comunidade do bairro.

O Nordeste de Amaralina surgiu a partir de invasões e engloba as localidades da Chapada do Rio Vermelho, Vale das Pedrinhas e Santa Cruz de Amaralina. A maior parte das terras do bairro pertence à família Amaral que reside no Nordeste, esclarece o presidente da Sociedade União e Defesa do Nordeste de Amaralina, Sérgio Nery Alvim, 33 anos, "nascido e criado" na localidade. Como outras comunidades de baixa renda de Salvador, os moradores do Nordeste sofrem com a falta de saneamento básico e coleta regular de lixo. A falta d'água e a insegurança transtornam a vida de todos. De quebra, ainda têm que enfrentar os escorpiões, que não dão guarida.

LIXO, PRA QUE TE QUERO

A principal artéria do bairro — Rua do Norte, que se estende à Rua Cristóvão Ferreira até chegar ao final de linha — quase que diariamente exibe uma imunda e pouco higiênica "decoração". São os monturos de lixo "esquecidos" pelo carro de coleta da Limpurb.

Persistente, o líder comunitário Sérgio Nery não desiste de fazer apelos à Limpurb para garantir a segurança do bairro. Até a coleta está menos precária depois da campanha reivindicatória, analisa Nery, acrescentando, no entanto, que a limpeza das ruas se mantém muito aquém do ideal. E o que dizer da falta de água nas torneiras? No Nordeste de Amaralina a falta d'água é quase uma constante, a situação se agrava principalmente nas regiões mais altas do bairro, como no final de linha, por exemplo.

LADRÕES E ESCORPIÕES

"Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come". O adágio popular é perfeito para definir a situação da comunidade do Nordeste de Amaralina, em se tratando de (in)segurança. Lá, os assaltos continuam ocorrendo, e os ladrões se sentem mais a vontade para atacar, já que não há policiamento ostensivo. Reivindicação antiga dos moradores, cobradores, motoristas e despachantes que requeiram a área, o módulo policial continua a integrar a lista de "utopias" da comunidade do Nordeste de Amaralina.

Essa falta de segurança levou os mo-



Foto: Rejane Carneiro

O lixo acumulado torna ainda mais estreitas as ruas do bairro

toristas das empresas Ondina e BTU (Bahia Transportes Urbanos), que servem ao bairro, a remanejarem o final de linha de ônibus do Nordeste para Amaralina no meio do ano, como forma de protesto contra a ausência de policiamento. "A gente não aguentava mais os assaltos", conta o despachante da empresa Ondina, Leônidas dos Santos Ferreira, 28 anos, há 26 morando no bairro. Explicou ele que o deslocamento do final de linha de ônibus durou uns 10 dias, depois retornou a seu ponto de origem. "Ha quatro meses voltei a ser assaltado, quando trabalhava à noite. É preciso que a Polícia tome alguma providência contra essa violência", sugeriu.

Quem escapa aos assaltos, sucumbe às picadas dos escorpiões que proliferam notadamente no trecho conhecido como

Areal. O pior é que os escorpiões ficam à espreita dentro de casa e surpreendem suas vítimas cada vez com maior frequência. Foi assim com o motorista Walfredo Carlos da Glória, 43 anos, dois filhos, morador da Rua 1º de Novembro, 58-E. Ele foi picado há duas semanas no dedo mínimo da mão esquerda e recebeu atendimento médico no Hospital Central Roberto Santos. "Depois que fui mordido, já matei mais uns três dentro de casa", testemunhou.

Não bastassem tantos transtornos diários, o morador do Nordeste, forçosamente assiste, nos finais de semana, aos domingos a partir de meia-noite, a "pegas" realizados no largo do final de linha, "Nativos" e pessoas estranhas ao bairro dirigem na área em alta velocidade, pon-do em risco a vida de transeuntes.



A feira atende a todos no Nordeste, mas necessita de mais higiene para evitar problemas

Muitas crianças estão sem escola

O Nordeste de Amaralina reúne milhares de crianças em idade escolar. Portanto, é preciso instalar colégios no bairro em número suficiente para atender à demanda e garantir a educação de todos. A sugestão é feita pelo diligente Estêvão Gomes dos Santos, 66 anos, há 40 morando na Rua José Ignácio do Amaral, 10, Nordeste. Ele lamenta que lá existam tantas crianças fora das salas de aula, o que poderá significar um aumento acentuado dos índices de analfabetismo em Salvador, no futuro.

A preocupação do guarda sanitário aposentado Estêvão Gomes, 16 filhos e 19 netos, estende-se a outros moradores do bairro. José Júlio Silva lembra as condições precárias da Escola Zulmira Torres, de 1º grau, onde falta até água potável para o consumo das crianças. O colégio, situado no Areal, está com os vasos sanitários entupidos. Resultado: os alunos satisfazem suas necessidades no mato. Quem estuda a noite no Zulmira Torres corre o risco de ser assaltado, já que a escola está situada em local pouco iluminado.

Um outro exemplo de abandono: Colégio Estadual Anita Barbuda, também de 1º grau, que está fechado há mais de três anos. Localizado na Baixa do Areal (local considerado perigoso), o colégio foi totalmente depredado por vagabundos, que danificaram todas as suas instalações. Cansados de serem assaltados, os professores do Anita Barbuda preferiram abandonar a escola, que parou de funcionar.

Feira é centro de abastecimento

Uma grande feira, no fim de linha do Nordeste de Amaralina, é o principal centro de abastecimento dos moradores do bairro, que ali encontram, além de legumes, verduras e carnes, roupas, acessórios, bijuterias, todo tipo de tempero, farinha e principalmente as frutas regionais, a preços compatíveis com o resto do mercado ou até inferiores aos cobrados em outros pontos de venda.

Localizada na Rua Reinaldo Matos, indo até o encontro desta com a Rua Marcílio Dias, a feira é muito freqüentada pelos moradores do bairro, que compram principalmente frutas, legumes e verduras, embora ofereça também outros produtos, como mariscos e peixes frescos. O movimento no local inicia na noite do sábado, quando os caminhões começam a chegar, desde às 8 horas até as 2 horas da madrugada. Pela manhã, logo às 5 horas, já começa o movimento da feira, que vai até as 14 horas.

Para os feirantes, que são oriundos 90% de Amargosa e São Felipe, o movimento de vendas é considerado bom, apesar da crise. Eles lembram que, antigamente (a feira tem cerca de 16 anos), um dos pontos negativos era a falta de segurança, que foi sanada com a contratação de segurança particular. "Cada um dos feirantes paga Cr\$5 mil para que a feira tenha segurança. São policiais que prestam serviço durante a folga e já passam a noite de

sábado para domingo aqui", conta Antônio Vitorino de Souza, irmão de feirantes.

LIMPEZA

Já para os moradores, o ponto negativo é a deficiência no serviço de limpeza, que nem sempre funciona como deveria. "Tem vezes que eles retiram o lixo logo após a feira. Outras vezes, só varrem, mas não recolhem. Poucos são os dias em que o caminhão-pipa vem lavar a rua na segunda-feira", queixa-se Raul Ferreira da Costa, que reside na Rua Marcílio Dias há 44 anos.

Ele assinala que a feira do Nordeste é uma das mais baratas da cidade, mas lembra de tempos difíceis: em que os feirantes sofriam com a falta de segurança. "Já vi muito saco de farinha, balaies de frutas serem roubados, sem que os feirantes pudessem fazer nada. Muitos eram assaltados e diversas vezes eu cedi a minha sala para que eles pudessem contar e guardar o dinheiro ganho", conta Raul.

Um outro morador queixou-se da dificuldade de acesso para carros, na Rua Reinaldo de Matos, já que os vendedores tomam conta da rua com suas banquinhas e carrinhos de mão, mas, de uma forma geral, a feira é bem aceita pelos moradores da área, que também aproveitam o espaço para vender utensílios domésticos usados, como fogões, por exemplo.